



PROTAGONISMO FEMININO NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS NO TERRITÓRIO DO ALTO SERTÃO DE SERGIPE

Thais Moura dos Santos
Universidade Federal de Sergipe

Eraldo da Silva Ramos Filho
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

Na agricultura capitalista, as sementes tornaram-se mercadorias patenteadas e geneticamente modificadas no processo crescente de privatização da natureza que decorre desse modelo de produção. Diante desse cenário, a disputa para manter as sementes sob o poder dos povos que historicamente manusearam esse bem comum da humanidade, tem sido conduzida por sujeitos em todo o mundo. Nessa direção, presente artigo objetiva compreender a importância do trabalho feminino na conservação das sementes crioulas em comunidades do Alto Sertão Sergipano e como esse processo contribui para construção da autonomia camponesa nesse território. Para subsidiar nossas análises, adotamos como procedimentos metodológicos a leitura de referencial teórico, trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas, que a *posteriori* foram traduzidos em dados. Pudemos concluir que a produção, conservação e multiplicação de sementes sempre foi uma estratégia camponesa, para a manutenção das lavouras e produção de alimentos. Essa prática foi resignificada, tornando-se também de enfrentamento aos pressupostos do agronegócio que aprisionam os sujeitos ao seu modelo de fazer agricultura, e as mulheres no território estudado protagonizam esse processo.

Palavras-chave: Alto Sertão Sergipano. Sementes Crioulas. Guardiãs de Sementes.

FEMALE PROTAGONISM IN THE CONSERVATION OF CREOLE SEEDS IN THE TERRITORY OF ALTO SERTÃO DE SERGIPE

ABSTRACT

In capitalist agriculture, seeds have become patented and genetically modified commodities in the growing process of privatization of nature that flows from this model of production. Faced with this scenario, the dispute to keep the seeds

under the power of the peoples who historically handled this common good of humanity has been conducted by subjects all over the world. In this direction, this article aims to understand the importance of women's work in the conservation of Creole seeds in communities in the Alto Sertão Sergipano and how this process contributes to the construction of peasant autonomy in this territory. To support our analyses, we have adopted as methodological procedures the reading of theoretical references, fieldwork, semi-structured interviews, which were later translated into data. We were able to conclude that the production, conservation and multiplication of seeds has always been a peasant strategy for the maintenance of crops and food production. This practice has been resigned, becoming also a challenge to the assumptions of agribusiness that imprison the subjects to their model of farming, and women in the territory studied are protagonists of this process.

Keywords: Alto Sertão Sergipano. Creole seeds. Guardians of seeds.

INTRODUÇÃO

As sementes crioulas são conceituadas como as variedades que passaram por processos de melhoramento tradicional, sendo manejadas por camponeses e povos tradicionais por meio de uma seleção dirigida e adaptada às condições ambientais locais, ou ainda, como aquelas sementes herdadas dos antepassados que as mantiveram com formas tradicionais de manejo e uso (PANDOLFO et al, 2014).

De acordo com a legislação brasileira as sementes crioulas são variedades locais ou tradicional, conservadas e manejadas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais e que, ao longo de milênios, vêm sendo permanentemente adaptadas às formas de manejo dessas populações e aos seus locais de cultivo (BRASIL, 2003). Essas foram conservadas até nossos dias por camponesas e populações indígenas em todo mundo, cujas práticas foram e são passadas de geração em geração.

Nas palavras de Houtart (2011), as sementes constituem Bem Comum da Humanidade, e por isso, são essenciais ao processo de continuidade da vida em nosso planeta. Essas assertivas denotam que as sementes, não deveriam ter donos, ser acessíveis a todos os sujeitos. No entanto, presenciamos nas últimas décadas um intenso processo de privatização das sementes pelas multinacionais do agronegócio. Processo que rebate diretamente no patenteamento de sementes, monopolização do mercado de alimentos e padronização da cultura alimentar que descaracteriza os costumes locais de alimentação e a agricultura relacionados à identidade dos povos.

Enquanto, historicamente, a semente foi para o sujeito que cultivava a terra, parte guardada da última colheita para os plantios posteriores, atualmente ela foi transformada em um insumo que precisa ser comprado. Essa lógica fortalece o mercado de sementes transgênicas. Sob essa ótica, as possibilidades oferecidas pelos transgênicos aprofundam a mercantilização das sementes, alterando, assim, o seu valor de uso, de tal maneira acabam por gerar relações cada vez mais dependentes dos mercados.

Primavesi (1992) esclarece que as sementes transgênicas, torna o camponês refém do mercado e conseqüentemente faz com que esse sujeito comprometa sua autonomia no ato de plantar e colher, inviabilizando o cultivo e permanência da terra. Os usos de plantas transgênicas conduzem a uma maior inserção das relações capitalistas na agricultura familiar e, conseqüentemente, uma exclusão ainda maior dos agricultores.

Nesse contexto, buscando atuar na contra hegemonia do movimento crescente de patenteamento e controle das sementes pelas oligarquias internacionais, emergem as casas ou bancos comunitários de sementes na década de 1970 se constituindo enquanto uma estratégia de resistência camponesa a perda da diversidade e no resgate das sementes crioulas (MACHADO e FILHO, 2014).

Dessa forma, as pessoas responsáveis por “cuidar” das sementes recebe o nome de Guardiã ou Guardiã de Sementes. Olanda (2015) descreve que essa terminologia, surge da necessidade de orientar a população em geral sobre a erosão, contaminação, perda e apropriação indevida das sementes, da cultura e do conhecimento contidos nas mesmas. Esses sujeitos, possuem conhecimentos práticos dos ciclos naturais, técnicas de plantio, cuidados, colheita e conservação das sementes (o saber-fazer camponês aprendido com os mais velhos).

No nosso recorte de estudo, as mulheres são maioria na prática de guardar sementes. Isso corrobora com Grisa e Schneider (2008), quando afirmam que são as mulheres das comunidades rurais que desempenham papel fundamental no resgate de sementes e na produção agroecológica. Geralmente os homens se responsabilizam por poucas culturas, consideradas de maior importância como o milho, e as mulheres ficam responsáveis pela diversidade, que reúnem as hortaliças em geral e outras espécies destinadas principalmente para a alimentação familiar.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva compreender a importância do trabalho feminino na conservação das sementes crioulas em comunidades do território do Alto Sertão Sergipano, bem como, discutir os desafios dessas mulheres no processo de guardar sementes.

Nosso artigo está estruturado, para além, dessa introdução em um primeiro tópico que discute as características da agricultura capitalista e seus rebatimentos no processo de erosão genética. Em seguida refletimos a importância do trabalho feminino na conservação e multiplicação das sementes crioulas. Na continuidade, a área de estudos e a metodologia utilizada na pesquisa são apresentadas. Por fim, versamos sobre a dinâmica e desafios da guarda das Sementes no Alto Sertão de Sergipe e são apontadas algumas as considerações.

Lançando um olhar sobre a agricultura capitalista

O advento da Revolução Verde, conhecida como uma modernização conservadora da agricultura trouxe consigo a difusão de um pacote tecnológico – insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra – conjugado a uma base ideológica de valorização do progresso. Para Amorim (2016) o paradigma da agricultura moderna promoveu a concepção de

que tanto o melhoramento genético quanto a produção das sementes eram competência apenas de profissionais das ciências agrárias. Dessa forma, as populações tradicionais passaram a ser tratados como detentora de técnicas atrasadas e meros consumidores de sementes e de insumos agrícolas industrialmente produzidos.

Esse modelo tecnológico-científico-químico de fazer agricultura ignora totalmente a importância histórica de camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, etc., como inovadores e detentores de saberes e práticas de manejo dos agroecossistemas. Grisa e Schneider (2008) apontam que na agricultura capitalista as sementes se tornaram mercadoria, deixando os agricultores refém das indústrias de sementes que controlam o circuito de produção, não só pela oferta do material genético, mas também pela monopolização de diversos outros meios técnicos.

No modelo químico de agricultura, o alimento perde seu valor e emerge sobre a forma mercadológica de *commodities*¹. O tempo da natureza não é mais respeitado, tudo precisa acontecer ao tempo da capital, nessa perspectiva, a semente transgênica é apontada como o grande “milagre”, a forma mais eficaz de aumento de lucros.

A tecnologia de transgenia na agricultura exerce impactos sociais, econômicos e culturais, nesse tipo de tecnologia são inseridos genes que dependem de um produto químico para voltar a ter funcionalidade. Nessa situação, os produtores serão obrigados a pagar royalties a cada compra de semente, deverão também, adquirir agrotóxicos e adubos químicos o que aumenta consideravelmente os custos da produção e a subordinação ao mercado. Além disso, correm o risco de disseminação de sementes geneticamente modificadas para outras plantações, devido a polinização natural, o que pode gerar contaminações genéticas (NODARI; GUERRA, 2001).

A Figura 1 acima, demonstra os cinco principais produtores de transgênicos do mundo e quais culturas são cultivadas. É interessante perceber que o Brasil é o segundo país que mais planta sementes transgênicos, com uma área cultivada de mais de 51 milhões de hectares.

Essa agricultura implica diretamente na escolha do modo de cultivo que determinadas comunidades tradicionais faziam há várias gerações, no tocante, a forma que mantinham, reproduziam e selecionavam as sementes “boas” para o plantio. Nos dizeres de Shiva (2007, p. 52), as sementes “*en lugar de ser propiedad común de comunidades agrícolas, se convierten en propiedad privada patentada de las corporaciones de semillas*”, nesse sentido, veem uma agricultura da dependência.

Fuchs (2008, p.37), ressalta que “os argumentos da venda de sementes transgênicas, inicialmente, era atraente: menos trabalho, custos reduzidos, produtividade maior”, assim, evidenciando os artifícios por detrás da grande visibilidade e aceitação pelos camponeses da transgenia. De acordo com Primavesi (1992) depois de plantadas e colhidas, as sementes comerciais não mais servem para efetuar novos plantios, desta feita, o camponês necessita comprar outros exemplares de sementes. No decorrer do tempo os transgênicos

mostraram-se um péssimo negócio para os camponeses, visto que, esses se tornam refém do mercado e conseqüentemente perdem sua autonomia.

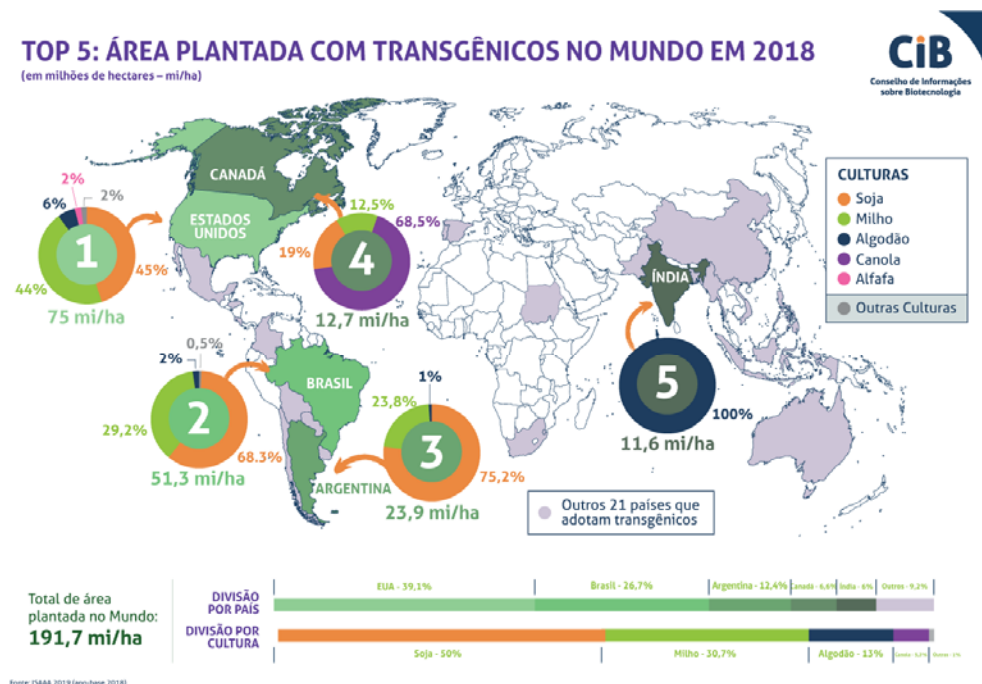


Figura 1 – Ranking dos cinco países que possuem maior área plantada com cultivos transgênicos. Fonte: Conselho de Informação sobre Biotecnologia (2019).

Nesse contexto, buscando atuar na contra hegemonia do movimento crescente de patenteamento, transgenia e controle das sementes, emergem as casas comunitárias de sementes na década de 70 se constituindo enquanto uma estratégia de resistência camponesa a perda da diversidade e no resgate das sementes crioulas (MACHADO e FILHO, 2014). Sementes essas que são as variedades produzidas pelo campesinato, quilombolas e indígenas passadas de geração em geração, adaptadas aos tipos climáticos onde são cultivadas, e trazem consigo uma carga cultural, sendo verdadeiro patrimônio de diversos povos.

Protagonismo feminino na conservação e multiplicação das sementes crioulas no Alto Sertão sergipano

Diante do cenário de investida do capital na agricultura, mais precisamente buscando o domínio das sementes, a disputa para manter esses recursos genéticos sob o poder dos sujeitos que trabalham a terra tem sido conduzida em todo mundo, sobretudo pelas mulheres. Nerling (et al., 2016) aponta que as mulheres das comunidades rurais têm um papel fundamental no resgate de sementes e na produção agroecológica. Elas carregam consigo muitas informações empíricas, ligadas a melhor época de plantio, de colheita e de armazenamento das sementes.

Nas famílias rurais, geralmente os homens se responsabilizam por poucas culturas, consideradas de maior importância como o milho, e as mulheres ficam responsáveis pelas miudezas, que reúnem as hortaliças em geral e outras espécies destinadas principalmente para a alimentação familiar. Jalil (2009, p.23) chama atenção para o fato de que “A luta pela manutenção da diversidade, o cuidado com as sementes e a agricultura de subsistência [...] ficam sob a responsabilidade das mulheres, já que tudo que é produzido fica no entorno familiar”.

São na maioria das vezes, as mulheres também que organizam e cuidam dos casos de sementes familiares, uma tarefa muito importante pois viabiliza que a semente não se perca de uma safra para outra.

Nesse sentido, as mulheres são as principais protagonistas da reprodução e manutenção das sementes crioulas, sendo responsáveis por plantarem nos quintais e/aos arredores de casa para o consumo familiar e comercialização quando possível. Além de estar à frente das atividades das hortas, estão em parceria com os homens nas atividades relacionadas às roças; e executam, de diversas formas, atividades relacionadas ao manejo dos recursos naturais e a conservação da biodiversidade, como a produção e troca de sementes e mudas com suas vizinhas (DORCE, 2018).

As práticas das mulheres rebatem diretamente no cuidado e na preocupação com a reprodução e com a manutenção da vida e da diversidade. Para Santos (2013) as mulheres não só cultivam alimentos, elas são sempre responsáveis por satisfazer as necessidades alimentícias de suas famílias.

De acordo com Costa (2009), defender que as mulheres contribuem para a conservação e manejo da biodiversidade e reconhecer esse papel desempenhado, é essencial para valorizar suas práticas, reconhecendo a importância de seu trabalho. Assim, não se trata de romantizar o trabalho que as mulheres realizam com as sementes, nem atribuir-lhes a tarefa de enfrentarem sozinhas as investidas do agronegócio, mas de valorizar e visibilizar a enorme contribuição na produção agroecológica, no resgate e multiplicação das sementes crioulas e conseqüentemente na construção da autonomia camponesa.

Localização da área de estudos e apontamentos sobre a metodologia de pesquisa

O Território do Alto Sertão está localizado no noroeste do estado de Sergipe, e detém uma área de 4.908 km², tendo uma participação de 22,4% na extensão estadual. É formado por sete municípios, sendo eles: Canindé de São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo e Porto da Folha.

dos sujeitos e para realizar entrevistas. Para Haguette (2010) a entrevista é um processo de interação social, uma técnica que proporciona ao pesquisador de forma coerente averiguar dados e entender as opiniões dos sujeitos sobre determinados assuntos.

Optou-se pela utilização de Entrevista Semiestruturada com o intuito de possibilitar uma maior liberdade de respostas e de diálogo. No roteiro da entrevista buscou-se informações sobre os desafios e as estratégias (individuais e coletivas) atrelados a guarda de sementes, as espécies que as Guardiãs cultivavam, a rotina do trabalho doméstico e outros.

Os resultados das entrevistas foram analisados a luz de Triviños (1897) onde em um primeiro momento foi realizada, leituras das respostas que permitiu sublinhar as ideias que, de alguma maneira, se apresentam ligadas a algum fundamento teórico. Em seguida, classificamos de forma a permitir a detecção de divergências, conflitos, vazios e pontos coincidentes que se acham nas afirmações dos respondentes e assim poder compreendê-las.

Foram entrevistadas seis Guardiãs, que tinham entre cinquenta e sessenta e cinco anos. Durante os trabalhos de campo fizemos os registros fotográficos que compõem o artigo, pois a fotografia é uma forma de cartografar o espaço, dando-lhe concretude.

Guardiãs de sementes do Alto Sertão Sergipano: conservando e multiplicando a vida

Em cada região, em função das dinâmicas sociais, culturais e políticas que alimentam seu uso e sua conservação, as sementes costumam ganhar um nome - e um significado simbólico - que guarda forte relação com a própria identidade das comunidades rurais. Em Sergipe, no ano de 2015 no I Seminário Estadual Sobre Legislação de Sementes Crioulas e no II Encontro Sergipano de Agroecologia, a semente crioula sergipana foi batizada como “Sementes da Liberdade”, justamente para enfatizar a potencialidade destas em libertar os camponeses dos abusos das multinacionais que vendem as sementes envoltas de um pacote tecnológico.

As sementes da Liberdade estão presentes no cotidiano do campesinato do Alto Sertão, guardá-las é uma prática milenar e que aporta consigo uma gama de significados, que vai desde a necessidade de ter material genético para o próximo plantio, perpassando pela tradição familiar e mais recentemente como forma de autonomia frente ao processo de avanço do modo capitalista de fazer agricultura.

Não diferentes de outras realidades o cultivar, escolher, peneirar, separar, engarrafar e armazenar semente é tarefa das mulheres. Esse fenômeno pode ser explicado por alguns vieses. O primeiro tem ligação com a história da agricultura, onde as mulheres foram às descobridoras do poder de germinar novas vidas presentes nas sementes, posteriormente tornaram-se detentoras dos conhecimentos acerca dos segredos e do tempo da natureza. O segundo está relacionado à divisão sexual do trabalho, por essa lógica as tarefas que requer atributos como: cuidado e carinho tornam-se “coisa de mulher”.

Ao serem questionadas sobre o sentido de ser Guardiã de Sementes, as entrevistadas trazem as nuances dessa tarefa feminina, como é possível visualizar nas falas a seguir:

Então, é ter cuidado com as sementes, é saber quando plantar, quando colher, é ter carinho com cada uma [...] Os homens não tem o jeito pra isso não, eles são mais brutos (Guardiã de Semente A., 53 anos).

Eu acho que é ter cuidado das sementes, é entender a importância para a vida [...] Acho que as mulheres conhecem mais sobre as sementes, entendem mais sobre como escolher e como armazenar (Guardiã de Sementes S., 50 anos).

Durante as entrevistas as Guardiãs revelaram a ampla variedade de cultivos que realizam no âmbito dos arredores de suas casas, que inclui o quintal, espaço compreendido por Olanda (2015) como mais feminino e místico da unidade familiar camponesa. O quadro 1 a seguir, cumpre a função de demonstrar a variedade de espécies cultivadas pelas entrevistadas.

Quadro 1 - Variedade de espécies cultivadas pelas Guardiãs de Sementes do Alto Sertão de Sergipe.

Espécies cultivadas pelas Guardiãs de Sementes	
Verduras e Hortaliças	Coentro, Cebolinha, Cenoura, Pimenta (Vários tipos), Tomate, Tomate Cereja, Pimentão, Alface, Rúcula, Couve, Maxixe, Quiabo, Salsa, Açafrão, Pepino, Cebola Ciganinha, Abóbora, Caxixe.
Frutíferas	Abacaxi, Mamão, Manga, Acerola, Limão, Laranja, Coco, Maracujá, Pinha/Fruta do Conde, Goiaba, Ciriguela, Abacate, Pitanga, Carambola, Melão, Melão Coalhada, Pitomba, Melancia.
Grãos	Fava amarela, Fava feijão, Fava preta, Fava lavandeira, Fava boca de ovelha, Fava branca, Feijão cariocão, Feijão preto, Feijão roxinho, Feijão guandu, Feijão badajó, Feijão sempre verde, Feijão branco, Feijão de corda costela de vaca, Feijão de corda cabeçudo, Feijão de corda preto, Feijão de corda coruja, Feijão de corda moita, Milho branco, Milho alho, Milho vermelho, Milho branco, Milho imbra, Milho catingueiro, Gergelim, Girassol, Sorgo.

Fonte: Autora (2019).

O quadro 1 representa bem a variedade de cultivos que as Guardiãs de Sementes realizam. Para além de grãos, frutíferas e hortaliças/verduras as mulheres também são responsáveis pela saúde de suas famílias, e nesse sentido seus territórios de produção e reprodução da vida abrigam, também, uma quantidade gigante de ervas medicinal. Outra característica das Guardiãs investigadas é o trabalho de cuidar dos animais de pequeno porte (patos, galinhas, porcos, ovelhas, perus e outros).

No entanto, é importante que se diga que durante as entrevistas as mulheres citavam apenas as espécies que vieram à mente no momento do diálogo, ou seja, a diversidade de cultivos que, no nosso quadro, se apresenta enorme é certamente ainda maior.



Figura 3 – Porto da Folha. Quintal de uma Guardiã de Sementes do Alto Sertão Sergipano, 2019.

Fonte: Autora (2019).

O que essas mulheres produzem segue para três destinos distintos. Produzir para alimentar a família é a primeira finalidade das Guardiãs de Sementes, o auto-consumo garante o mínimo para a reprodução de uma vida digna no dia a dia. O segundo destino são as doações e trocas com a vizinhança, traço marcante da solidariedade camponesa.

O terceiro destino é a comercialização, seja “na porta” (expressão usada para explicar as vendas feitas em casa), seja nas feiras agroecológicas, a venda dos produtos excedentes permite que as Guardiãs de Sementes adquiram mercadorias que não produzem em seus sistemas produtivos.

É interessante abrir um parêntese para compreender que essas ações executadas pelas mulheres constroem o que autoras como Jancz (2018) denominam de economia feminista, ou seja, a produção do viver que não pode ser reduzido a números e fórmulas, que inclui e valoriza o conjunto de atividades, trabalhos e relações que não são monetizados, e que sem eles a vida não pode se reproduzir a cada dia. São atividades realizadas majoritariamente pelas mulheres, nos espaços domésticos e comunitários.

No que tange as sementes que são guardadas por essas mulheres, percebeu-se a existência de uma grande diversidade de espécies e variedades. O gráfico 1 acima, revela que as sementes mais armazenadas são as que servem para alimentação humana, como o feijão que no Alto Sertão é a base do cardápio cotidiano. O milho também é destaque, pois serve também para alimentar os animais. São sementes adaptadas ao clima semiárido e aos gostos e necessidades das famílias.

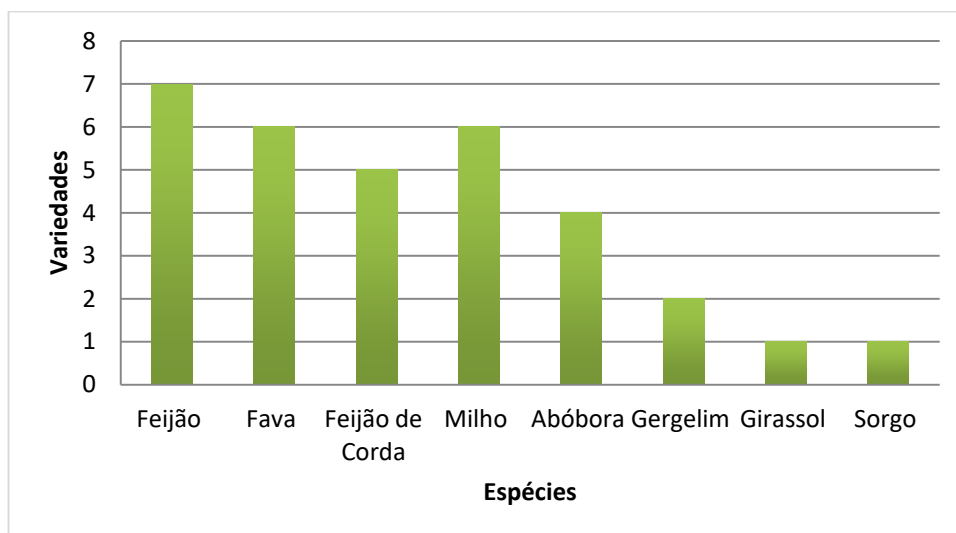


Gráfico 1 – Variedades de sementes crioulas guardadas pelas mulheres entrevistadas. **Fonte:** Autora (2019)

A Figura 4 traz algumas das sementes armazenadas pelas Guardiãs. Nota-se a heterogeneidade de cores e formas, uma característica marcante dessa atividade. A diversidade de sementes guardadas pelas mulheres tanto em suas casas, quanto nos bancos de sementes comunitárias é resultado do esforço individual e coletivo para proverem a alimentação da família e, ao mesmo tempo, manterem as tradições camponesas.

As entrevistas revelaram que essa diversidade é mantida por alguns fatores. O primeiro fator apontado é a “Semente de família”, as entrevistadas apontaram que muitas das sementes que possuem é herança de família, que elas ao longo dos anos cuidaram para que essas sempre se reproduzissem. Nessa situação a semente é revestida de afetividade, e trás consigo conhecimentos repassados entre gerações.

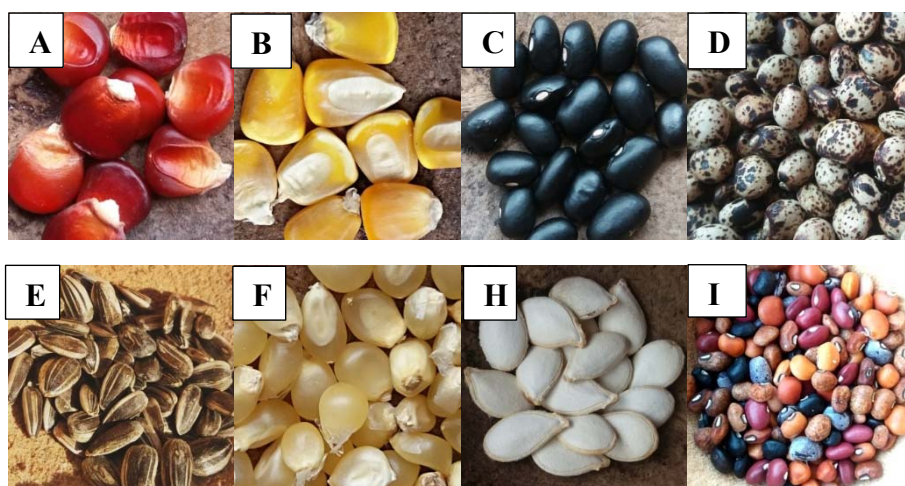


Figura 4 – Amostra das sementes armazenadas pelas Guardiãs do Alto Sertão de Sergipe. A) Milho vermelho, B) Milho catingueiro, C) Fava preta, D) Feijão guandu, E) Girassol, F) Milho de pipoca/alho, H) Abobora jerimum, I) Diversos tipos de feijão de corda.

Fonte: Autora (2019).

O feijão sempre verde e a fava branca eu tenha há muito tempo, era da época dos meus pais, a gente sempre teve e eu nunca perdi essa semente (Guardiã de Sementes, C. 63 anos).

Outro fator atrelado à diversidade de sementes tem haver com o que Grisa e Schneider (2008) e outros autores que estudam as relações do campesinato denominam de solidariedade camponesa. Nessa direção, é comum que as mulheres troquem com suas vizinhas, com familiares e com as pessoas de sua comunidade sementes, mudas, receitas e conhecimento.

O terceiro fator são os intercâmbios que acontecem nas feiras, festas, oficinas, encontros e outros eventos realizados em parceria com os movimentos e outros atores políticos atuantes no território. Para além de serem grandes eventos com caráter festivo e de celebração, esses momentos proporcionam trocas de sementes e dos conhecimentos associados a essas. Essas trocas são, antes de tudo, uma forma de conservação desses materiais (conservação *in situ* ou *on farm*) (FERNANDES, 2017).



Figura 5 – Momentos de intercâmbios de sementes, 2019
Fonte: autora (2019).

As Guardiãs do Alto Sertão revelaram durante as entrevistas que sempre guardaram sementes, porém, a conservação das sementes como ato político-ideológico e de enfretamento ao modelo capitalista de agricultura tem ligação

direta com a atuação dos movimentos e atores políticos. Nesse território específico, destaca-se o trabalho de base do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), da Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA) e da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA).

É no âmbito do MPA, RESEA e ASA que as Guardiãs se fortalecem e participam desses espaços políticos-didáticos que permitem a troca de sementes e mudas com camponeses de outros territórios. Com as estiagens que acometem o Alto Sertão Sergipano, em determinados anos as safras não vingam e as sementes plantadas são perdidas. Daí se a Guardiã trocou suas sementes com pessoas de outros territórios, e essa pessoa conseguiu multiplicar, essa semente pode ser recuperada, a importância dos intercâmbios se dá justamente nesse processo.

Por fim, buscou-se compreender quais eram os desafios presentes na prática de guardar sementes e quais estratégias eram adotadas pelas Guardiãs para a superação desses. A seca foi o principal empecilho apontado, visto que, ela dificulta a reprodução das sementes, podendo ser responsável pela perda das sementes.

Algumas estratégias foram apontadas pelas nossas entrevistadas, segundo elas essas são essenciais para conviver com a seca e conseguir reproduzir as sementes. A primeira estratégia elencada é o uso de sementes e animais (pé-duro) adaptados ao clima, esses são mais resistentes e sobrevivem por mais tempo.

Foram apontadas as tecnologias sociais como cisternas tanto de primeira água, quanto a de segunda água (cisterna calçadão) que são responsáveis pelo armazenamento de água que é utilizado para os diversos fins e os canteiros econômicos (construídos com tijolos e lona) que permitem a redução de uso de água para aguar. Os intercâmbios de sementes, também, foram citados pelos motivos que já dialogamos anteriormente.

O trabalho das mulheres com as sementes crioulas, também, reverbera em um processo de emancipação e reconhecimento da importância do trabalho feminino. Isso se dá mediante a aproximação, citada anteriormente, entre as guardiãs e os movimentos sociais e organizações que pautam a agroecologia, essa parceria que permite a participação de espaços de formação política e de gênero, onde questões como machismo e patriarcado são constantemente problematizadas. Esses momentos são muito ricos em trocas e na construção do protagonismo feminino, as mulheres conseguem compartilhar suas práticas, desafios e mutuamente se fortalecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as práticas produtivas das Guardiãs de sementes do Alto Sertão de Sergipe se dão no primeiro momento para a manutenção familiar, onde, a produção de alimentos, e conseqüentemente de sementes, serve para o consumo interno e essa é uma prática comum entre as mulheres, que na divisão sexual do trabalho são impelidas a assumir a posição do cuidado.

No processo de aproximação com movimentos socioterritoriais e instituições que pautam a produção de alimentos com base agroecológicas, se dá um nível

político na tarefa de guardar sementes, essa prática feminina torna-se uma estratégia de enfrentamento aos pressupostos do agronegócio, seu pacote tecnológico e o patenteamento da vida.

Em ambas vertentes, é possível visualizar o protagonismo feminino nos cuidados dos bens comuns da humanidade, na construção de estratégias para enfrentar a seca tão recorrente no território, e na produção e reprodução digna do campesinato.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lucas Oliveira do. **Plantando semente crioula, colhendo agroecologia: agrobiodiversidade e campesinato no Alto Sertão sergipano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

BARBOSA, Mônica de Moura. **Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003. **Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas e dá outras providências**. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.711.htm > acesso 25 de Nov. 2019.

COSTA, Rakuel Samara Silva. **Pra não dizer que não falei das flores: um estudo sobre relações gênero e biodiversidade no semiárido pernambucano**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2009.

DORCE, Lethicia Camila; FIGUEIREDO, Juliana Pogliési Fernandes; LOBTCHENKO, Julio Cesar Pereira; FERNANDES, Ana Carolyn de Queiroz; SANGALLI, Andréia; PEREIRA, Zefa Valdivina. **O papel da mulher no resgate e multiplicação e Sementes Crioulas no Sul do Mato Grosso do Sul**. Cadernos de Agroecologia, Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, 2018.

FERNANDES, Gabriel Bianconi. Sementes Crioulas, variedades e orgânicas para a agricultura familiar: da exceção legal à política pública. In: SAMBUICHI, Regina Helena Rosa [et al.]. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: Ipea, 2017.

FUCHS, Richard (orgs). **Transgênicos: as sementes do mal – a silenciosa contaminação de solos e alimentos**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **“Plantar pro gasto”**: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 46, n. 2, 2008, p. 481–515.

HAGUETTE, M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 57-100.

HOUTART, François. **Dos bens comuns ao 'bem comum da humanidade'**. Fundação Rosa Luxemburgo, 2011.

JALIL, Laetícia Medeiros. **Mulheres e soberania alimentar: a luta para a transformação do meio rural brasileiro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2009.

JANCZ, Carla (et., al). **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo: SOF, 2018.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **Dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

NODARI, Rubens Onofre.; GUERRA, Miguel Pedro. **Avaliação de riscos ambientais de plantas transgênicas**. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v.18, n.1, p.81-116, 2001.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Pelotas, 2015.

PANDOLFO, Marcos et al. Guardiões da Agrobiodiversidade: estratégias e desafios locais para o uso e a conservação das sementes crioulas. In: **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia** v.11, n.1. 2014.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Agricultura sustentável**. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Laiany Rose Souza. **O território camponês sob o enfoque de gênero: a divisão sexual do trabalho**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SHIVA, Vandana. **Las nuevas guerra de la globalización: semillas, agua y formas de vida**. São Paulo: Editora Popular, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Contato com o autor: Thais Moura dos Santos <thaisoul4@hotmail.com>

Recebido em: 19/04/2020

Aprovado em: 31/08/2020

i Segundo BRANCO (2008), *commodities* é o termo utilizado para se referir aos produtos de origem primária que são transacionados nas bolsas de mercadorias. São normalmente produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização, com qualidade quase uniforme e são produzidos e comercializados em grandes quantidades do ponto de vista global e podem ser produtos agropecuários, minerais ou até mesmo financeiros.